



---

ÁREA TEMÁTICA: Saúde, Corpo e Sexualidade

---

Percepções sobre a informação televisiva em saúde e sua relação com o comportamento alimentar: Um estudo exploratório

---

AFONSO CARVALHO GONÇALVES, Daniela Edite

Mestre em Sociologia

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

dangoncalves@gmail.com

---

### Resumo

A comunicação apresenta o resultado de um estudo exploratório, sobre as percepções e preocupações dos cidadãos relativas à alimentação e às doenças cardiovasculares e ao papel da televisão na educação para a saúde. Com base numa amostra de conveniência, foram inquiridos 35 indivíduos, de diferentes faixas etárias, num Centro de Saúde, em duas lojas dietéticas e numa grande superfície, de Lisboa.

A maioria dos inquiridos mostrou interesse pelos temas de saúde, nomeadamente, pelo da alimentação e das doenças cardiovasculares, e afirmou que se esforça por ter uma dieta saudável. Na sua maioria, pensam que os média podem ser uma ferramenta crucial, na educação para a saúde, mas são de opinião que devia haver mais informação, sobretudo, na televisão. Os resultados desta pesquisa questionam a relação entre a informação em saúde e o comportamento, pois os dados conhecidos sobre a morbilidade cardiovascular em Portugal parecem contradizer as respostas dos inquiridos.

Palavras-chave: informação televisiva; doenças cardiovasculares; alimentação; percepções





Antes de apresentar e descrever mais pormenorizadamente os resultados do estudo, procedemos a uma contextualização da crescente procura de informação em saúde por parte dos cidadãos e a consequente resposta dos média, em Portugal. Complementamos os depoimentos dos inquiridos deste estudo com a visão de alguns especialistas, como por exemplo, da área da saúde e da psicologia. Por último, pareceu-nos pertinente efectuar uma descrição da informação em saúde de alguns dos principais canais internacionais de televisão, para esboçar o que, eventualmente, na óptica dos entrevistados, poderia constituir a grelha de programação ideal dos canais portugueses.

## 1. Saúde e Media

Ao longo das últimas décadas, tem-se verificado um gradual e crescente interesse pelas temáticas da saúde. A informação disponível aumentou, sendo produzida e veiculada pelas fundações e sociedades científicas e pelos media, que têm assumido um papel de destaque na divulgação de informação em saúde. Actualmente, existem em Portugal, publicações mensais especializadas, como a “Saúde e Bem-Estar”, “Medicina e Saúde” e a “Prevenir”, que – apesar de terem linhas editoriais distintas – surgiram para dar resposta à crescente necessidade do público em geral de estar melhor informado sobre um dos principais itens da sua vida, a saúde. As revistas fazem o tratamento jornalístico das doenças mais prevalentes na sociedade e apresentam estratégias de promoção da saúde e prevenção da doença, que acabam por constituir tema de debate na família, no círculo de amigos, ou nas interações laborais. Fruto deste anseio de estar cada vez melhor informado sobre temas de saúde, têm vindo a surgir outras publicações de saúde, como o “Jornal do Centro de Saúde” ou até mesmo o “Saúde Semanário”, jornais gratuitos. Estes são lidos pelos indivíduos nos centros de saúde, nos transportes, escolas, etc., e as suas recomendações preventivas aplicadas no quotidiano de várias pessoas que se preocupam em ter estilos de vida saudáveis. No entanto, um considerável número de indivíduos ainda não segue estes pressupostos de dieta saudável, a avaliar pela prevalência de factores de risco cardiovascular como a hipertensão ou o colesterol e das próprias doenças cardiovasculares (AVC, angina de peito ou enfarte de miocárdio), que constituem a principal causa de morte, em Portugal e na maior parte dos países desenvolvidos.

A par da importância da imprensa especializada, a televisão revela ser o meio mais escolhido pelas pessoas para se informarem também nesta área, parecendo ser a sua influência elevada, devido às ainda moderadas taxas de leitura informativa, em geral, e de saúde, em particular. Deste modo, é por essa ordem de factores, que enveredamos pelo estudo do seu impacto na educação para as doenças cardiovasculares e alimentação e na adopção de estilos de vida saudáveis pelas famílias, embora admitamos que estas possam complementar a informação televisiva que recebem com a especializada das revistas. O serviço público de televisão (RTP), tem, na nossa óptica, contribuído para uma maior informação na área da saúde, através, por exemplo dos programas “Haja-Saúde” e “Sociedade Civil” da RTP2. Este último tem mesmo estimulado o intercâmbio entre os telespectadores, os responsáveis pelo programa e médicos especialistas, a partir do seu blogue, espaço de troca de ideias sobre diversos temas socialmente relevantes, principalmente de saúde. Os telespectadores assistem ao programa e deixam um comentário que pode ser referente a uma dúvida que tenham relativamente a uma dada doença, e são esclarecidos. Ao longo de dois anos, o programa visou abordar os temas de saúde que mais interessam à sociedade civil, num formato de fórum e reportagem, trazendo ao debate especialistas de diversas áreas, com ênfase para as doenças cardiovasculares, infecciosas e respiratórias. Por sua vez, o “Haja-Saúde”, tem também a meta de informar os portugueses na área da saúde, através de um debate entre especialistas e a participação de doentes que estão no auditório e que relatam a sua experiência.



Porém, a maior parte da informação em saúde chega aos lares dos portugueses, através dos jornais televisivos, sobretudo dos que preenchem a grelha do horário nobre, sendo estes talvez, os que têm maior impacto na interiorização e reflexão dos telespectadores sobre os temas da saúde.

Os média, em geral, e a televisão em particular, podem contribuir para uma maior adesão a rastreios de várias doenças, nomeadamente das cardiovasculares, a partir da divulgação das iniciativas de “rua” de controlo da tensão arterial e dos níveis de colesterol, por exemplo, da Fundação Portuguesa de Cardiologia ou da Fundação Professor Fernando Pádua.

A informação sobre doenças cardiovasculares e alimentação têm dado, ao longo dos anos, um verdadeiro “pano para mangas”, visto serem aquelas a principal causa de morte em Portugal e estando relacionadas, quase sempre, com estilos de vida pouco saudáveis, caracterizados por uma alimentação desadequada e pelo sedentarismo dos indivíduos. Neste contexto, e devido à sua elevada noticiabilidade, interessa por isso, medir o real impacto desta informação televisiva na educação para a saúde, verificando até que ponto os indivíduos se encontram receptivos à mesma, entendendo como estes a processam e reagem perante a sua difusão. Desejamos perceber quais os factores que intervêm na descodificação das mensagens e qual o papel que a família desempenha na reflexão, aceitação dos comportamentos saudáveis recomendados, e sua materialização em acções futuras concretas, com vista ao seu bem-estar. Isto porque não podemos somente analisar a forma de recepção da informação, sem considerar porque é que ela tem este padrão e não outro. Temos que considerar que as próprias experiências passadas dos indivíduos relacionadas com a saúde, a sua socialização e o próprio convívio familiar são condicionantes de toda a dinâmica de interpretação da informação televisiva em saúde.

## 2. Resultados do estudo exploratório

Como atrás mencionámos, esta comunicação apresenta o resultado de um estudo exploratório, sobre as percepções dos cidadãos relativas à alimentação e doenças cardiovasculares e à preocupação do seguimento de uma dieta saudável. Com base numa amostra de conveniência, foram inquiridos 35 indivíduos, de diferentes faixas etárias, num Centro de Saúde, em duas lojas dietéticas e numa grande superfície, da cidade de Lisboa.

Quase a totalidade dos indivíduos inquiridos do nosso estudo mostrou interesse pelos temas de saúde, sobretudo pelos ligados às problemáticas da alimentação e das doenças cardiovasculares e afirmaram que se esforçam por ter um regime alimentar saudável, com baixo teor de gorduras e onde a sopa e os legumes está sempre presente. O conceito de “Dieta Mediterrânica” parece ser amplamente conhecido pelos entrevistados, que tentam seguir uma alimentação à base de peixe, carne, legumes, sopas e fruta, para otimizar a sua condição geral de saúde e reduzir os factores de risco cardiovascular, como o colesterol, a hipertensão, os triglicéridos e a diabetes. Um dos inquiridos, de sexo feminino, referiu que aquele conceito foi tornado público através do papel da televisão e dos outros media. No entanto, os resultados desta pesquisa exploratória levantam a questão da relação entre a informação sobre saúde e o comportamento, uma vez que os dados conhecidos sobre a morbilidade cardiovascular em Portugal parecem contradizer a informação evidenciada pelos inquiridos. Estes revelaram considerável interesse pelos temas de saúde e afirmaram que se preocupam em seguir um regime alimentar saudável, mas o facto é que estudos epidemiológicos e sociológicos têm vindo a sugerir que um elevado número de portugueses não se alimentam devidamente, começando logo a cometer erros alimentares, no pequeno-almoço. Várias são as pessoas que têm uma dieta que não integra, por exemplo, legumes, fruta e sopa e que socializam os seus filhos nestes moldes. Segundo um estudo do Gabinete de Investigação em Nutrição do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz apresentado, no mês de Maio, 99% das crianças toma um pequeno-almoço



errado à base de bolos, bolachas, batatas fritas, entre outros alimentos pouco saudáveis. Este regime alimentar é responsável pelo facto de uma em cada três crianças sofrer de obesidade e é à família que são atribuídas responsabilidades neste âmbito.<sup>i</sup> Já que, na óptica da nutricionista, coordenadora desta investigação, Fernanda Mesquita, “a escolha não é da criança. É de quem lhe dá o pequeno-almoço”.<sup>ii</sup>

No que concerne à relação entre transmissão de informação televisiva sobre alimentação e doenças cardiovasculares e adopção de uma dieta saudável, verificou-se, igualmente, uma elevada propensão para a produção de estímulos nesse sentido, embora suceda o que atrás referimos.

Na sua maioria, os inquiridos pensam que os media podem ser uma ferramenta crucial, no processo de educação para a saúde, em geral, e para a alimentação, em particular, e revelaram um considerável interesse pela informação nesta área. Segundo Maria do Rosário Dias, psicóloga, “existem provas substanciais de que a maioria das pessoas quer saber cada vez mais acerca da sua saúde, pelo que quer ver informação disponibilizada pelos mass media, consulta a Internet de forma crescente e pretende discutir essas questões com profissionais de saúde competentes e informados. Parece ser também claro que as pessoas querem alterar os seus comportamentos de saúde e que a informação que colhem através dos diferentes canais de comunicação, entre os quais os mass media, as pode ajudar a atingir esse objectivo.”<sup>iii</sup>

No entanto, e retomando os nossos resultados, os inquiridos afirmaram que devia haver mais informação nesta área e aproveitarem-se as potencialidades da televisão enquanto meio de comunicação de massas, pois “mais depressa se vê tv do que se compra um jornal”, afirmou uma jovem vendedora de uma loja dietética de Lisboa. A informação televisiva pode ser uma ferramenta importante em educação para a saúde, se considerarmos, por exemplo, o caso dos idosos, cuja menor instrução, faz com que consumam mais televisão do que outros media, sublinha outra jovem vendedora do mesmo estabelecimento. “Nota-se, aqui na loja, que os idosos estão bem informados acerca dos perigos do colesterol, por exemplo”.

Segundo uma inquirida jovem, é indispensável haver mais informação, “até porque estamos, ao nível da Europa, com uma taxa de obesidade infantil elevada”. A informação televisiva “pode ser uma fonte importante para as crianças que veem muita televisão”, para prevenir a obesidade, afirmou uma jovem cliente da loja dietética. Estes conteúdos televisivos são relevantes, “para as pessoas verem e terem ideia do que é uma alimentação saudável e aderirem”, explicou outra entrevistada. De acordo com três entrevistados jovens, “o papel principal dos órgãos de comunicação social é a educação para a saúde e sem essa informação, a população ficaria sem assistência”. É por isso, dizem, que deveria haver mais informação, para melhor prevenir, disseram.

O interesse revelado pelos temas de saúde e por programas na área, como o “Haja-Saúde” e o “Sociedade Civil” é transversal às respostas da maioria dos entrevistados, mas estes queixaram-se do horário em que estes são transmitidos. Alguns inquiridos gostariam de assistir aos referidos programas, mas referiram que apenas podem ser visualizados pelos reformados. Deste modo, lamentou uma inquirida jovem, “os programas que realmente interessam para informar o cidadão não passam”. Outra crítica disse respeito “à pouca divulgação de informação relativa aos rastreios e à legislação em termos de saúde e dos direitos dos idosos”. A presidente da Associação Portuguesa de Nutricionistas apresenta idêntica opinião acerca da escassez de informação televisiva, que incida sobre a relação que existe entre a alimentação e as doenças cardiovasculares e da sua transmissão em horários desadequados às disponibilidades de visionamento televisivo da maioria das pessoas, em idade activa. Assim, segundo afirma, é crucial haver uma maior noticiabilidade destas temáticas, sobretudo, em horário nobre, pois o contexto social actual é marcado por estilos de vida que não são os mais saudáveis, sendo a alimentação um factor de risco cardiovascular decisivo. Até porque, a especialista sublinha os benefícios da informação televisiva sobre alimentação e doenças cardiovasculares, na educação para a saúde, explicando que “a televisão pode exercer um papel



muito importante na divulgação da informação e, portanto, pode contribuir para a promoção de estilos de vida saudáveis.”

Apesar destas críticas, alguns entrevistados classificaram a informação em saúde como simples, o que, por si só constitui uma mais-valia, ao reduzir o efeito ruído de comunicação. “As coisas são explicadas de forma simples, pois, por vezes, os termos técnicos não são compreendidos pelas pessoas”, afirmou uma entrevistada. Esta percepção vai ao encontro do que pensa Isabel de Santiago, Assessora e consultora em Comunicação em Saúde do Ministério da Saúde de Portugal (2005). Na sua óptica, a mensagem em saúde, deve ser simples e fácil de descodificar, para ser rápida e eficazmente compreendida pelo seu público-alvo, com vista à sua aplicação prática nos comportamentos relativos à saúde.

Apenas três inquiridos afirmaram que existe, por vezes, alguma dicotomia na qualidade da informação em saúde, em Portugal, ora correcta, ora incorrecta, sendo responsável esta última pela eventual construção de falsos mitos. Alguns inquiridos citaram o caso dos programas matinais que, actualmente, dizem, têm contribuído, de alguma forma, para o esclarecimento dos mais idosos, no que concerne aos temas de saúde mais prevalentes como as doenças crónicas ditas da civilização, as doenças cardiovasculares.

### 3. Representações Sociais da Saúde e da Doença

A dicotomia estar saudável/doente resulta de um intrincado jogo psico-sociológico de influências, derivadas do processo de socialização do indivíduo no seio de uma dada comunidade. Deste modo, “A concepção de estar doente ou saudável é assim individual, assenta nas experiências, nos valores socioculturais de cada um, adquiridos através de um processo de aprendizagem dos valores e representações próprios da comunidade na qual o indivíduo se encontra inserido.”<sup>iv</sup>

Freyre (1967), citado por Duarte, faz igualmente alusão à construção social e cultural da saúde e da doença, explicando que os padrões de saúde variam, em função da cultura de cada comunidade, sendo o estado saudável requisito vital para o desempenho dos papéis socialmente definidos, para garantir a subsistência do grupo. No entanto, existe uma semelhança na forma como as sociedades encaram “o estar doente”, definindo-o como “um desvio da normalidade biológica e social”. Silva Pereira, citado por Duarte “ refere que a concepção de doença é historicamente construída, variável no espaço e no tempo, e constitui um meio de acesso ao sentido que os indivíduos conferem aos seus comportamentos e às relações que estabelecem com os membros da sociedade à qual pertencem, assim como ao sistema de interpretações, crenças e valores que lhe estão subjacentes.”<sup>v</sup>

Para Radley (1994), citado por Paúl e Fonseca (2001), o termo doença pode ser percepcionado sob três prismas ou formas de abordagem: a doença (disease) – resultante do diagnóstico médico; doença (illness) – a vivência da doença pelo paciente, e doença (sickness) – como estatuto social da pessoa atingida. Assim, é clara e evidente, a interacção entre o corpo fisiológico e o tecido social na experiência de estar saudável ou doente. Para os autores, “o comportamento de doença é uma resposta aprendida socialmente e as pessoas respondem aos sintomas de acordo com as suas próprias definições da situação. Essas definições são influenciadas pelas dos outros, largamente moldadas pela aprendizagem, socialização e experiências passadas, sendo ainda mediadas pelo nível cultural da pessoa.”<sup>vi</sup>



Do total dos 35 inquiridos, a maioria associa o conceito de “doença” aos factores de risco cardiovascular, como o colesterol, a hipertensão, a diabetes e também ao stresse. As doenças cardiovasculares englobam os AVC’s, no entanto, os factores de risco que originam este tipo de doença são os mesmos que provocam o enfarte de miocárdio e a angina de peito, de onde resulta que as medidas preventivas para evitar os AVC’s são iguais às das doenças cardíacas. De acordo com o Presidente da Fundação Portuguesa de Cardiologia, Manuel Carrageta<sup>vii</sup>, 43% da mortalidade em Portugal deve-se às doenças cardiovasculares, sendo que, metade destas são cerebrovasculares (AVC’s) e a outra metade são doenças cardíacas “puras”. Os factores de risco que podem conduzir às doenças cardiovasculares são a hipertensão arterial, o colesterol HDL baixo e LDL elevado, os triglicéridos elevados e a diabetes. Na origem destes factores encontram-se, muitas vezes, o excesso de peso e a obesidade, factores que resultam da vida moderna, caracterizada pela dinâmica casa-trabalho, responsável pelo sedentarismo dos indivíduos, e pela celeridade e secundarização da alimentação, explica o professor Fernando de Pádua<sup>viii</sup>.

Relativamente ainda às respostas dos inquiridos, constatámos que apenas uma pessoa associa mais o conceito de “doença” às doenças oncológicas, associando-as, no entanto, a uma má alimentação. Outras respostas também se fizeram ouvir, como por exemplo: “ter saúde é não estar dependente dos outros, significa estar bem e poder fazer tudo”; “quando penso em doença, lembro-me de quem não tem possibilidades económicas para os tratamentos” e “a saúde e a doença estão intimamente ligadas, mas muito mal acompanhadas, em termos governamentais, no nosso país.” A questão da associação da doença à imobilidade e à dependência em relação aos outros foi constatada por Susana Duarte, aquando do seu estudo “Saberes de Saúde e de Doença: Porque vão as pessoas ao médico?” (Duarte, 2002). Assim, segundo observou: “O que as pessoas conotam como doença é principalmente a dor e a imobilidade. Iguamente há quem sinta a velhice como uma forma de doença, ainda que esta concepção seja exclusiva dos entrevistados do sexo feminino e de classe social mais elevada.”<sup>ix</sup>

#### **4. Visão de alguns especialistas**

Na óptica de uma informante professora de História, houve um alargamento da percepção relativamente ao conceito de doença. Há 30 anos e devido a uma informação incipiente sobre saúde, o conceito de doença estava associado mais a doenças graves como, por exemplo, as pulmomares, resultantes do desempenho de profissões de risco. “Estar doente significava, de alguma forma, ficar incapacitado de trabalhar”. Actualmente, a acepção social da experiência de ter uma doença alargou-se, fruto de um maior conhecimento e diagnóstico dos factores de risco cardiovasculares – que, para muitas pessoas – são considerados doenças. No entanto, ressalva que, a condição de estar doente ainda está ligada à inactividade profissional provisória ou definitiva.

Actualmente, as pessoas estão informadas sobre a relevância de contactar o médico e houve um estreitamento nas interações médico-doente, já que “os centros de saúde estão espalhados por todo o país e antigamente, não era assim..... Por outro lado, há uma maior maior consciencialização das pessoas face aos problemas de saúde, graças à generalização de revistas especializadas em saúde.” Acrescenta que, nos últimos anos, tem-se verificado, também, a maior divulgação de programas televisivos em saúde, que focam as doenças mais prevalentes e incidentes na população portuguesa, o que constitui, na sua opinião, uma abordagem positiva, em termos de saúde pública.

Para o nosso informante, médico de Saúde Pública, que coopera com a Fundação Portuguesa de Cardiologia, a melhor forma de educar a população para a saúde é o trabalho de campo, indo ao encontro, sobretudo, dos cidadãos com pouca instrução, que descodificam com dificuldade a informação televisiva sobre alimentação e doenças cardiovasculares. Deste modo, afirma o seguinte a propósito do impacto do “Sociedade Civil” e do “Haja-Saúde”, na educação para a adopção de estilos de vida saudáveis: “Não



considero programas adequados aos jovens, nem ao alentejano (sem ofensa para o alentejano) que, depois de uma jorna ao sol se senta para ver alguma coisa na televisão do café onde vai beber um copo. Julgo ser um programa interessante de seguir pelos indivíduos de uma classe média, alta com uma instrução média superior, que encontra na televisão um meio não só de distração como de aquisição de conhecimentos. No entanto, acho que pode facilitar a informação para a saúde. A educação para a saúde virá depois quando os telespectadores, de uma forma mais ou menos consciente, esclarecida e informada, puser em prática os conhecimentos adquiridos nos blog's, nos programas televisivos, nos programas de rádio, nos jornais, nas revistas, ou até mesmo no cabeleireiro, onde se comenta e se reforçam ou se mudam comportamentos.”

Já, segundo a informante psicóloga do nosso estudo, a informação em saúde veiculada pelos media, sobretudo aquela que incide sobre a alimentação e as doenças cardiovasculares aumenta a literacia em saúde, já que “hoje em dia, as pessoas sabem que comer alimentos com muito teor de gordura faz mal ao coração e que praticar exercício físico faz bem.” No entanto, acredita que os efeitos dos spots publicitários, como por ex. “becel faz bem ao coração” ou “beba água luso formas!” podem ser, nalguns casos, mais eficazes do que os da informação televisiva nesta área.

Na sua óptica, os programas deviam ser direccionados para cada faixa etária, para se efectivar a educação para a saúde através dos media e dá o exemplo dos desenhos animados, no caso das crianças. “Podia aproveitar-se o facto de elas gostarem de ver os desenhos animados, para criar personagens e histórias simples, que as eduquem para a saúde e estimulem o interesse pela adopção de uma dieta saudável.”

Por sua vez, segundo a informante farmacêutica, a informação televisiva sobre alimentação e doenças cardiovasculares pode contribuir para a adopção de estilos de vida saudáveis pelas famílias, muito embora ainda seja incipiente, ressalva, se considerarmos o panorama noutros países mais desenvolvidos. Cita, por exemplo, o caso do programa da TV Galícia “Centro de Saúde” que é um exemplo do que, na sua óptica, deveria ser um programa regular de saúde na televisão portuguesa. No que concerne à informação divulgada nos telejornais versando sobre os temas de saúde, pensa que “às vezes, o tratamento jornalístico é um pouco sensacionalista, nomeadamente, no que diz respeito à “potencial retirada de fármacos perigosos do mercado”. O anti-inflamatório Nimed não foi retirado do mercado, mas as televisões noticiaram que já havia sido noutros países.” A farmacêutica acredita, no entanto, que a informação dos media, em geral, e da rádio e da televisão, em particular, pode contribuir para a literacia em saúde pública. “Constato que os doentes que vêm a esta farmácia estão mais esclarecidos, pois ouviram ou viram na televisão informação em saúde.”

Outra visão e análise dicotómica sobre esta temática é a de um ex-profissional de Educação Física, que esteve ligado a vários projectos de Saúde na Escola. De acordo com o especialista na área do desporto e da saúde, os media podem ser ferramentas de educação para a saúde e afirma o seguinte: “Constato que há, nitidamente, uma linha de orientação nos media, que pretende influenciar a população no que diz respeito à saúde, aos estilos de vida activos e à alimentação. Relativamente à informação televisiva, noto que, esporadicamente, desempenha uma função pedagógica nesse sentido.” Na opinião deste ex-profissional, o prime time é o momento ideal para se realizar algum trabalho de educação para a saúde através da tv. Verifica-se, por sua vez, uma maior consciencialização e preocupação dos cidadãos face à sua saúde e à forma física. Este facto é, de alguma forma, estimulado pela informação divulgada pelos media, pois, por exemplo, “há 40 anos, ninguém sabia o que era o regime alimentar vegetariano ou macrobiótico”. No entanto, à semelhança dos outros entrevistados, também partilha a opinião de que existem prós e contras em toda esta intervenção dos media na divulgação de informação em saúde e dá um exemplo. “No caso da difusão de notícias sobre os efeitos benéficos do vinho para a saúde, apenas se considera o isolamento de um factor...., claro que isolando os outros factores, este alimento pode ser prejudicial...”. Deste modo, é fundamental que os media veiculem informação em saúde rigorosa e devidamente confirmada pelos especialistas na área da saúde, mas também simples, para que as audiências possam adquirir os conhecimentos correctos nesta área e não construam “falsos mitos”





relacionados com as doenças e seus tratamentos ou com a optimização da sua saúde. A este propósito, de acordo com Maria do Rosário Dias, psicóloga oncológica, “importa, pois, persistir no esforço da educação pública no sentido da divulgação ampla de uma informação credível e cientificamente correcta, que seja acessível aos diferentes estratos da população e orientada para a compreensão da verdadeira natureza da doença e para a desmistificação de muitas crenças socialmente cristalizadas.”<sup>x</sup> É neste contexto que deve verificar-se uma parceria entre os cientistas e os media, para validar a cientificidade da informação transmitida às audiências e actualizá-la, regularmente. (Dias, 2002; Phillips, Kanter, Bednarczyk e Tastad, 1991; Wilkes e Kravitz, 1992)

No que concerne à reflexão sobre os conceitos de saúde e doença, o especialista em educação física refere que se verificam diferenças na forma de abordagem médica, na medida em que “antigamente a doença estava associada a uma medicina curativa, e actualmente, a medicina é preventiva. Assim, antes que a doença surja – o desequilíbrio homeostático – antecipa-se e previne-se, com slogans de campanhas “Mexa-se mais, coma bem!”, fundamenta.

Sublinha que os media têm uma palavra a dizer no que diz respeito à educação para a saúde, perspectiva que continuarão a trabalhar nesse sentido e remata dizendo que “os meios de comunicação, são uns dos grandes formadores, educadores da sociedade.

Não obstante, apenas um pequeno número de entrevistados referiu que tem havido uma evolução positiva em termos de informação em saúde, em geral, e em particular, no que concerne aos temas da alimentação e das doenças cardiovasculares, que pode aumentar o esclarecimento dos cidadãos em relação a temas de saúde pública. O “Haja-Saúde” e o “Sociedade Civil” focam, frequentemente, esses temas”, afirmou uma das inquiridas, numa loja de produtos dietéticos.

## **5. A saúde nos principais canais internacionais de televisão**

Na sequência do nosso estudo, considerámos premente a análise da programação televisiva em saúde dos principais canais internacionais de televisão, para tentar esboçar um “retrato” da forma como os media interagem com as audiências nesta área tão delicada que é a saúde e de que forma estimulam a adopção de estilos de vida saudáveis. O que mais ressaltou da nossa reflexão sobre os programas das estações televisivas internacionais que têm um destaque no mundo, foi a aplicação da teoria do jornalismo em Medicina e Saúde, informativo e estimulador da cidadania e literacia em saúde, no quotidiano dos telespectadores e utilizadores dos seus sites. Além de se constatar uma presença assídua de programas de saúde na grelha de programação destes canais, nalguns casos, coordenados por especialistas médicos, observa-se um claro esforço de aproveitar as novas tecnologias da informação, para estreitar relações com as audiências e aproximá-las dos temas de saúde pública. De ressaltar que a nutrição, alimentação e doenças cardiovasculares são temas correntes nos espaços televisivos e digitais destas estações internacionais de televisão.



## 5.1. CNN

“Health with Dr. Sanjay Gupta” é o nome da secção de saúde da CNN, em destaque no site [www.cnn.com](http://www.cnn.com) e Gupta é o correspondente médico do canal que informa e responde às dúvidas sobre temas de saúde dos telespectadores do canal, através do blogue e dos seus programas televisivos. “House Call” é um dos programas da CNN da responsabilidade de Dr. Gupta, que esclarece as dúvidas dos telespectadores, mas existem outros específicos nesta área, tais como o “Sleep”. Dr. Gupta é o responsável técnico pelas reportagens da CNN na área da saúde, no entanto, estimula os telespectadores a enviarem vídeos e fotografias versando sobre o seu estilo de vida saudável. “Paging Dr. Gupta” integra o seu blogue, o vídeo, a reportagem especial, time.com e o podcast.

Na web página do canal de televisão, existem quatro secções de informação actualizada em saúde, a saber: “Outras notícias”; “O que o adocece?”; “Você e a sua família”; e “Alimentação e Fitness”. Existe igualmente um item denominado “Health Minute” que divulga, em filme, a vivência de uma doença e/ou sua cura por parte de um doente, como por exemplo, uma freira, irmã Edwin, que devido ao seu excesso de peso teve que se submeter a uma operação de substituição do joelho. O site do canal disponibiliza igualmente, no item Healthology, uma livraria de vídeo de saúde, com propostas diárias de visionamento online de vários vídeos incidindo sobre diversas patologias, havendo mesmo um “health center video”, mais diverso, que abarca as áreas por exemplo da família, da saúde da mulher, do homem, da criança e do idoso e a área que mais nos diz respeito, a nutrição.

## 5.2. BBC

O site da cadeia BBC, [www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk), disponibiliza informação relativa à saúde em dois itens, um designado “Saúde” e outro “Notícias”, que tem outro subitem de saúde. No primeiro, encontram-se, em primeiro lugar, os programas da televisão e rádio BBC na área da saúde – ou seja - os “Lifestyle programmes”, que podem ser visualizados através do site, incidindo vários deles sobre a nutrição, como o “Ready Steady Cook”, “Saturday Kitchen”, “Great British Menu” e “Something for the weekend”.

Uma das mais valias do site da cadeia de televisão inglesa diz respeito à interacção entre o telespectador/utilizador do site da BBC e os especialistas médicos que colaboram no mesmo. Deste modo, “Talking to your doctor” e “Doctor’s Advice” são dois espaços de conselhos e esclarecimentos de dúvidas relativas ao universo da saúde. Por sua vez, outra das formas de interactividade entre a BBC e o telespectador é a participação num chat de saúde, o “Lifestyle Talk”.

A área interactiva disponibiliza jogos, cursos online, testes de IMC (Índice de massa corporal) e de cálculo de níveis de stresse e download de protectores de ecrã, que incentivam a adoptar comportamentos saudáveis, como por ex. fazer uma dieta saudável. “Saúde depois dos 50” revela-se um item importante para a prevenção das doenças cardiovasculares e a aumentar a qualidade de vida dos utilizadores do site que se encontram nesta faixa etária, com destaque, por ex. para a nutrição e para outros temas de saúde associados à maior longevidade, como a doença de Alzheimer. Existem, igualmente itens específicos para a saúde do homem e da mulher, com informação e conselhos relativos aos problemas e doenças mais prevalentes em cada um dos sexos. “Healthy Living” é outra das ferramentas da secção de saúde da BBC e procura incentivar os telespectadores e/ou utilizadores do site a adoptarem estilos de vida saudáveis, através da consulta dos seus subitens: “o seu peso”; “nutrição”; “fitness”; “saúde no trabalho”; “saúde em viagem”; e “medicina complementar”. O utilizador do site pode receber regularmente uma newsletter versando sobre os temas da saúde e tem também ao seu dispôr este tipo de informação no seu telemóvel.



No entanto, a informação da actualidade em saúde consta fundamentalmente no item BBC News – health, cuja visualização é disponibilizada através da secção “video and audio news” e em texto.

### **5.3. NBC4 –Los Angeles Channel 4 News**

A edição da informação em saúde do canal NBC4 é realizada pelo médico Bruce Hensel, que também executa trabalhos de reportagem nesta área. Deste modo, o “Dr. Hensel Reports” encontra-se em destaque no site do canal, [www.nbc4.com](http://www.nbc4.com), bem como os programas especiais. O item “Health Center” também disponibiliza vídeos que versam sobre várias doenças, bem como um dicionário de a a z. Estão também disponíveis mais vídeos sobre vários temas de saúde em “I- village total Health”, como por ex. na área da alimentação e do fitness. Realçado está igualmente o item “Cancer awareness”, que sensibiliza para a importância de um diagnóstico precoce do cancro e informa os telespectadores e/ou utilizadores da NBC4 e seu site.

As notícias sobre saúde encontram-se actualizadas no site do canal de televisão NBC4 e encontram-se disponíveis vários vídeos, na sua maioria sobre as doenças cardiovasculares. Existem, no entanto, outras ferramentas importantes de educação para a saúde. O item “health interactives” é disso exemplo e engloba testes de IMC, calculador de calorias, explicações sobre diversas patologias, como por exemplo, o cancro da mama, a diabetes, testes cardiovasculares e sugestões de planos alimentares. “Better health podcast” é outra das formas de interacção com o telespectador e/ou utilizador do canal NBC4 e do seu site e oferece a possibilidade deste poder fazer o download de vídeos ou de ficheiros de som relativos a um dado programa de saúde, editado pelo médico Sandy Goldberg. Por sua vez, o telespectador e/ou utilizador do site do canal pode consultar a agenda de eventos relacionados com a saúde e adicionar os que conhece através de um click em “In your community”.

“Daily Health Tip” é uma rubrica que apresenta sugestões alimentares e suas vantagens nutritivas e a sua consulta pode ser conjugada com a de “NBC4 Diet”, que apresenta menus de dieta, realizados em parceria com um departamento de nutrição clínica e, portanto, passíveis de serem seguidos pelos interessados.

### **5.4. France 5 – Canal de televisão sobre a descoberta, o emprego e a saúde**

“Le magazine de la Santé au quotidien” é o programa de saúde da France 5, que apresenta a actualidade nesta área de Segunda a Sexta, sob a forma de especiais como por exemplo, sobre cancro, drogas e dependências, SIDA, hepatite C, sexualidade, entre outros temas. Os telespectadores que não têm possibilidade de visualizar o programa na televisão, podem fazê-lo através da internet. Disponível, em vídeo está também o “Le Journal de la Santé”, que aborda igualmente vários temas de saúde pública. A interacção com o telespectador é estimulada pelo canal de televisão que dá resposta às suas dúvidas, a partir do site [www.france5.fr/magazinesante](http://www.france5.fr/magazinesante). Outra das mais valias do canal de televisão e do seu site é a possibilidade de consulta de dossiers versando sobre várias áreas de saúde e da sua avaliação através de exames médicos. São interessantes e pedagógicas as explicações de cada um deles e de cada um dos tópicos abordados no site da France 5, como a nutrição, tratamentos, doença, conhecimento do nosso corpo, etc.



### 5.5. TV Galícia

A TV Galícia tem na sua grelha de programação um programa diário na área da saúde, que se chama “Centro de Saúde”. Aumentar a proximidade entre especialistas e telespectadores é a principal meta do programa galego que conta, diariamente, com a participação de uma médica de família, a quem cabe, conjuntamente com a apresentadora, a condução da entrevista ao seu colega de outra especialidade. Os telespectadores que não podem assistir ao programa no momento de transmissão, têm a possibilidade de o visualizarem, no site do canal de televisão, acedendo a <http://www.crtvg.es/>. As doenças cardiovasculares, os seus factores de risco e a alimentação constituem temas com elevada noticiabilidade neste programa.

### 6. Referências Bibliográficas

DIAS, Maria do Rosário (2005), *Serão os mass media estratégias de saúde*, Lisboa, Climepsi Editores

DUARTE, Susana (2002), *Saberes de Saúde e de Doença: Porque vão as pessoas ao médico?*, Coimbra, Quarteto

PAÚL, Constança, e FONSECA, António M. (2001), *Psicossociologia da saúde*, Lisboa, Climepsi editores

### 7. Imprensa consultada

Pereira, Paula (2004). “Portugal tem o coração mais forte”, *Semana Médica*, 323: 8-11

S/A (2005), Entrevista ao professor Fernando de Pádua: “Atenção à tensão! Pare de fumar e vá... passear!”, *Jornal do Centro de Saúde*, 5:8

### 8. Sites consultados

[www.cnn.com](http://www.cnn.com). Acedido em 30 de Abril de 2007

[www.bbc.co.uk/?ok](http://www.bbc.co.uk/?ok). Acedido em 1 de Maio de 2007

[www.nbc4.com](http://www.nbc4.com). Acedido em 1 de Maio de 2007

[www.france5.fr](http://www.france5.fr). Acedido em 1 de Maio de 2007

[www.crtvg.es/](http://www.crtvg.es/). Acedido em 5 de Maio de 2007

- i Mendes, 2007
- ii Idem
- iii Dias, 2005:40/41
- iv Duarte, 2002:41.
- v Idem, 43.
- vi Paúl e Fonseca, 2001:77.
- vii Pereira, 2004: 8
- viii S/A (2005), Entrevista ao professor Fernando de Pádua: “Atenção à tensão! Pare de fumar e vá... passear!”, Jornal do Centro de Saúde, 5:8
- ix Duarte, 2002:118
- x Dias, 2005:42